

## A HESITAÇÃO DE TIBÉRIO: FARSA OU RECEIO DA PRIMEIRA VEZ?

Nos últimos tempos têm aparecido nas prateleiras diversos romances históricos que abarcam o final da República e o Império Romano e a televisão tem passado filmes, séries e documentários sobre este período da história. Suetónio, pelo seu pitoresco, é uma das fontes mais utilizadas. O autor das *Vidas dos Césares* apresenta-nos, num estilo simples, claro e conciso, narrativas animadas que, usadas nas aulas, permitem tratar de forma viva, e mesmo lúdica, a história e cultura do início do Império.

Na sequência de um estudo anterior, intitulado *Páginas de Suetónio: golpes de teatro à passagem do Rubicão*<sup>1</sup>, apresentamos agora um pequeno texto onde se expõe de forma dramática o comportamento de Tibério ao assumir o poder.

Ao relatar a ascensão de Tibério à púrpura imperial, Suetónio opta pela acusação de dissimulação. O biógrafo dos Césares procura demonstrar que a atitude de Tibério não passa de uma farsa. Mas, por detrás dos relatos, pode estar outra realidade.

*Principatum, quamuis neque occupare confestim neque agere dubitasset, et statione militum, hoc est ui et specie dominationis assumpta, diu tamen recusauit impudentissimo mimo, nunc adhortantis amicos increpans ut 'ignaros, quanta belua esset imperium', nunc precantem senatum et procumbentem sibi ad genua ambiguus responsis et callida cunctatione suspendens, ut quidam patientiam rumperent atque unus in tumultu proclamaret: 'aut agat aut desistat!' Alter coram exprobraret ceteros, quod polliciti sint tarde praestare, se<d> ipsum, quod praestet tarde polliceri. Tandem quasi coactus et querens miseram et onerosam iniungi sibi seruitutem, recepit imperium; nec tam aliter, quam ut depositurum se quandoque spem faceret. Ipsius*

---

<sup>1</sup> *Boletim de Estudos Clássicos* 40 (2003) 45-51.

---

*uerba sunt: 'dum ueniam ad id tempus, quo uobis aequum possit uideri dare uos aliquam senectuti meae requiem' (Tib. 24).*

«Ao principado, embora não hesitasse em ocupá-lo imediatamente e em exercê-lo — tomou até para si uma guarnição de soldados, o que lhe conferia poder e uma forma de soberania — recusou-o longo tempo com um mimo francamente descarado; ora invectivando os amigos que o exortavam, por não fazerem ideia 'do tamanho do monstro que era o poder'; ora mantendo em suspenso, por meio de respostas ambíguas e hábil hesitação, os senadores que insistiam e se lhe arrojavam aos joelhos, a ponto de alguns perderem a paciência e um deles proclamar no meio da agitação: 'É pegar ou largar!' Outro disse-lhe, cara a cara, em tom de censura, que 'os outros demoravam a cumprir o que tinham prometido, mas ele demorava a prometer o que já cumpria'. Finalmente, como que forçado e queixando-se da infeliz e pesada servidão que lhe era imposta, aceitou o império, desde que não deixasse de poder acalentar a esperança de um dia o abandonar. São estas as palavras do próprio: 'até eu chegar à idade em que vos possa parecer justo dar algum repouso à minha velhice'.»

Tibério, por um lado, não hesita em tomar e exercer o poder, como prova o uso de guarda-costas. Ora a utilização de guarda-costas era associada à tirania desde o tempo dos Pisístratos. Por outro lado, vai recusando habilmente o poder, o que para o biógrafo é sinal de hipocrisia. Esta caracterização coincide com a imagem global de Tibério, construída ao longo da *Vida*: a de um tirano cruel, mas dissimulado e sempre temeroso de ataques.

Portanto, segundo o biógrafo, os actos desmentem as palavras: trata-se de um *impudentissimus mimus*, se aceitarmos a conjectura de Gronouius, por comparação com outros passos onde figura a mesma palavra<sup>2</sup>, uma vez que os manuscritos apresentam *animo*. Além da popularidade do mimo naquela época, a conjectura parece congruente com o resto da narrativa, que, no essencial, apresenta o mesmo conteúdo da de Tácito (*Ann.* 1.7.7-8).

Suetónio concentra uma série de intervenções que se sucedem, como se de uma cena única se tratasse. A tónica é colocada na longa recusa de Tibério (*diu tamen recusauit*). O biógrafo recorre a participios (em nominativo, para

---

<sup>2</sup> *Cal.* 45.2; *Otho* 3.2.

o biografado, e em acusativo, para os oponentes), de modo a sugerir o *agon* entre a insistência dos amigos (*adhortantis amicos*) e as manobras evasivas de Tibério (*increpans*); entre o tom obsequioso dos senadores (*precantem senatum et procumbentem sibi ad genua*) e o calculado *suspense* do futuro imperador (*suspendens*). Normalmente, em Suetónio, ao biografado corresponde o sujeito gramatical.

Outro aspecto que parece sugerido é a progressiva anulação do narrador. No que diz respeito à distância, há variações significativas. O biógrafo começa por usar o discurso narrativizado, o estado mais distante, para transcrever a recusa de Tibério — *diu tamen recusauit* — e a insistência dos amigos — *adhortantis amicos*. Imediatamente, na resposta de Tibério incluída na mesma frase, aumenta o grau de mimese (e de ocultação do narrador) com a introdução do discurso transposto para o estilo indirecto, *modus scribendi* usado por Suetónio em grande parte das transcrições de falas não muito extensas: *increpans ut 'ignaros quanta belua esset imperium'*. Volta a usar o discurso narrativizado no jogo entre o senado e Tibério: *precantem senatum; ambiguiis responsis*.

O crescendo da tensão, marcada pela perda de paciência de uns *quidam*, é acompanhado do aumento da mimese, pelo recurso ao discurso citado, ou discurso directo, a forma mais mimética, na concepção de Platão<sup>3</sup>, em que Suetónio cede a palavra a um indivíduo que eleva a voz no meio do barulho de fundo (que quase se ouve) provocado pelo tumulto do senado: «*aut agat aut desistat!*» Este grito de indignação é o *climax* que restabelece a ordem. E o narrador, numa fase decrescente, volta a usar o discurso transposto de um *alter* que censura Tibério *coram* e naturalmente mais baixo: *exprobraret ... polliceri*. E depois o discurso narrativizado, para os queixumes de Tibério: *querens ... seruitutem*. Mas logo volta a recorrer ao discurso transposto, desta vez para o indirecto livre, caracterizado pela ausência de verbo declarativo, *nec tam .. faceret*, mostrando assim um certo distanciamento irónico (ou sugestão de incredulidade) da parte do narrador. E, finalmente, para sugerir verosimilhança, usa de novo o discurso directo, reforçado pela introdução: *Ipsius uerba sunt*. De resto, Suetónio não cria grandes discursos, como faz Tácito; prefere citar documentos *ipsis litteris*.

---

<sup>3</sup> Cf. Platão, *R.* 392c-394b. Este só adopta dois níveis: narrativa sem imitação (é o poeta que fala ao transmitir as falas das personagens); narrativa por meio da imitação (o poeta oculta-se nas palavras das personagens). Os três tipos de discurso são, como é sabido, de GENETTE, G., *Figures III*, Paris, Seuil, 1972, 189-193.

O trecho pretende colocar em relevo a falsa modéstia, o fingimento da recusa, exagerado pelos queixumes de Tibério (*querens ... seruitutem*), e a artificialidade da condescendência, expressa na citação final. É seguida aqui uma tradição hostil transmitida por muitos historiadores, entre os quais poderiam estar Aufídio Basso, Servílio Noniano e Sêneca, o retor<sup>4</sup>.

Vários estudiosos tem vindo a pôr em questão esta suposta hipocrisia. A passagem do poder a um novo príncipe não tinha precedentes. Augusto fora o primeiro imperador e a sucessão dinástica era completa novidade e contrária ao espírito da República romana. Tibério, filho de um republicano, teria sido inicialmente educado nos costumes cívicos tradicionais. Notam-se nas palavras finais de Tibério sinais de respeito pela majestade e poder de decisão do senado que têm continuidade nas manifestações de *ciuilitas* do início do principado: moderação e deferência no trato com aquele conselho (*Tib.* 26-30).

Além disso, ele tinha 54 anos e não podia ter pretensões de emular Augusto. É provável que estivesse realmente hesitante e que preferisse rejeitar o principado. Por outro lado, a situação do filho de Lívia era incômoda, pois tratava-se do herdeiro possível, como sugere o capítulo que precede o texto transcrito (*Tib.* 23): o testamento de Augusto revelara que foi a *atrox fortuna* que determinara a escolha de Tibério como herdeiro, ao arrebatar os filhos Gaio e Lúcio. Embora Augusto, com aquelas palavras, só estivesse a justificar legalmente a adopção do enteado, a voz corrente de que a escolha se ficou a dever à *necessitas*, deu ao advento de Tibério uma aura trágica, que o próprio Augusto não foi capaz de evitar. Tibério sentiria a pressão da poderosa mãe, Lívia, e sabia que, no fim, não podia recusar o que era da vontade expressa de Augusto.

Além disso, Tibério parece não abarcar ainda o significado do seu poder. Não era só a posse do *imperium* que importava, mas o que fazer com ele. Esta interpretação parece confirmada por uma afirmação de Nero sobre o carácter ilimitado (e assustador) do poder imperial (*Nero* 37.3): *negavit quemquam principum scisse quid sibi liceret* («Disse que nenhum dos anteriores príncipes fazia ideia do que lhe era permitido»).

Talvez a hesitação fosse sincera: a sucessão no principado era uma realidade sem precedentes. Mas o biógrafo prefere a tradição hostil de uma indecisão hipócrita. Suetónio lança, deste modo, uma sombra sobre Tibério,

---

<sup>4</sup> Vide GASCOU, J., *Suétone historien*, Paris, De Boccard, 1984, 264-265.

---

logo no início do seu principado, que se torna, mais tarde, em tirania, sobretudo depois da partida para Cápreas (*Tib.* 42.1). Assim, em comparação com Tácito (*Ann.* 4.9.1), exagera a hesitação na mira de vituperar o governo de Tibério no seu todo. Para Suetónio, Tibério é, desde criança, “barro amassado em sangue” (*Tib.* 57.1), mas o verdadeiro carácter, dissimulado a princípio, vai-se revelando progressivamente, até irromper nos maiores vícios.

JOSÉ LUÍS L. BRANDÃO